

FALA DE POSSE – 6/11/2020

M. Reitor Prof. Vahan Agopyan, prezado Vice-Reitor Prof. Antonio Carlos Hernandez e caro Prof. Pedro Vitoriano de Oliveira, Secretário-geral da Universidade.

Estimado Prof. Paulo Saldiva, diretor do IEA até este ano e Profa. Roseli de Deus Lopes, que assume comigo a direção do Instituto.

Aos que nos dão a honra de participar, ainda que virtualmente, deste momento festivo da vida do Instituto de Estudos Avançados, sejam muito bem-vindos!

As palavras iniciais são de agradecimento à Reitoria pela oportunidade de realizar esta cerimônia de posse na sede do IEA. Essa deferência estimula a continuidade do esforço agregador do Instituto no âmbito da Universidade. O êxito dessa diretiva pode ser verificado pela simples observação do vínculo dos cerca de 250 pesquisadores/as que, ao longo do quinquênio que está por findar, encontraram no IEA em São Paulo, Ribeirão Preto e São Carlos ambientes intelectuais acolhedores para produção e disseminação de conhecimentos. Provêm eles/as de 40 das 50 unidades acadêmicas da USP – 80% portanto. Contribui para essa diversidade, essencial no trato de questões complexas, a parceria da Pró-Reitoria de Pesquisa em várias iniciativas, como no frutífero programa “Ano Sabático”, que caminha para a sexta edição. Temos também colaborações importantes com as demais Pró-Reitorias e com a Vice-Reitoria.

Magnífico Reitor, o Instituto de Estudos Avançados da USP é efetivamente *da* Universidade.

A abrangência apontada se reflete também no processo de escolha da direção do IEA a cada quatro anos. Ela é feita por um colégio eleitoral amplo, integrado pelos diretores e representantes das congregações no Conselho Universitário, bem como pelos ex-diretores e conselheiros do próprio

Instituto, atuais e pregressos. O formato permite combinar virtuosamente a polifonia de perspectivas e interesses das unidades da USP e a experiência cumulativa das sucessivas governanças do IEA. A professora Roseli, minha extraordinária copiloto nesta jornada, e eu somos gratos pela confiança que nos está sendo depositada por esse colegiado eminente.

Assumir a direção de um Instituto desse porte, diversidade e respeitabilidade é um desafio. Mais precisamente, é um conjunto de desafios, dos quais destacaremos dois. O primeiro é assegurar o cumprimento da missão que o IEA recebeu do professor José Goldemberg, quando a sua criação foi aprovada pelo Conselho Universitário. Como parte essencial de uma gestão transformacional, que deveria levar a USP a um novo patamar de excelência (como levou), estabeleceu o então Reitor que a razão de ser do Instituto deveria ser (cito): *Favorecer novas ideias, resultantes do convívio, do confronto e da interação entre as diversas áreas de trabalho intelectual.*

A realização de uma missão dessa envergadura encontrou um contexto inicial favorável. A proposta de um Instituto vinha sendo cogitada desde 1979, quando da anistia dos professores aposentados pelos Atos Institucionais. Entre eles/as estavam vários cientistas e intelectuais de renome que, distanciados da Universidade em razão das mudanças por ela sofrida durante os seus afastamentos compulsórios, poderiam ser abrigados mais adequadamente no Instituto. Esse sonho se tornou realidade em 1986, portanto às vésperas de momentos transformacionais positivos no Brasil (simbolizados pela Constituição Cidadã de 1988) e no cenário global (pela queda do Muro de Berlim em 1989).

Quem nos acompanha nesta solenidade haverá de convir que manter uma ambiência conducente ao confronto de ideias é especialmente desafiador nesta temporada de ressentimentos à flor da pele, exacerbados pela pandemia e suas decorrências.

O segundo desafio é inovar, mantendo a essência, a fim de que o IEA esteja à altura das demandas do século 21. Século que apenas inicia no ano corrente, com e pela crise da CoVID-19, segundo propõem historiadores, entre os quais a professora Lília Schwarcz. É clara a analogia à descrição do século 20 feita por Eric Hobsbawm. O conhecido historiador britânico propôs que o século passado se iniciou apenas com a Primeira Guerra Mundial. Que, como sabemos, foi seguida por uma pandemia que ceifou dezenas de milhões de vidas. Ela foi o primeiro ato da “era da catástrofe”, período marcado pelas duas grandes guerras, pelas ondas de revolução global emanadas da União Soviética, pela virulência da crise econômica de 1929 e, ainda, pelo descrédito da democracia e ascensão do fascismo e do nazismo.

Essa caracterização consta do livro “A Era dos Extremos”. Não há como fugir à constatação de que continuamos numa “era de extremos”. Alguns são perigosamente semelhantes aos do século 20, como

o descrédito da democracia e a ascensão de movimentos que recendem o odor fétido do fascismo. Novos entrantes nessa lista são os extremos climáticos, os extremos de renda e os extremos de acessibilidade à educação e à saúde de qualidade.

O IEA já trabalha alguns desses temas. Mas precisaremos inovar formas e formatos de atuação para estarmos à altura das demandas do século 21. Alguns rápidos exemplos de como, mantendo a função original de *laboratório de ideias*, o IEA está se transformando também num *ateliê de ideias*: (i) estabelecendo centros de síntese, dos quais é pioneiro o programa “USP Cidades Globais”, que esperamos seja seguido pelo de “Serviços de Ecossistemas”; (ii) gerando protótipos, como o de formação inicial interdisciplinar de professores para educação básica; (iii) cocriando *think tanks* em temas de ampla repercussão como 5G, em que o IEA se junta ao Instituto de Relações Internacionais e à Escola Politécnica; e (iv) promovendo a concretização inicial de iniciativas ousadas, como a da Amazônia 4.0 – uma inovadora sociobioeconomia da floresta em pé.

Ela envolve os Laboratórios Criativos da Amazônia e uma *Rainforest Social Business School*, lançada ontem em Manaus pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), nossa parceira, que também se beneficia da cooperação com a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), no âmbito do Doutorado Interinstitucional (Dinter), apoiado pela CAPES. Menciono o papel essencial que o estimado professor Jacques Marcovitch desempenhou nas três pontas dessa parceria – criando o pioneiro programa Floram (Floresta e Ambiente) quando dirigia o IEA; na FEA, da qual é professor emérito, levando a sugestão de realizar o segundo Dinter do Programa de Pós-Graduação em Administração com a UEA; e na Amazônia, que ele conhece tão bem, sensibilizando os atores locais e concebendo o 1º Congresso de Gestão da Amazônia.

Muito ajudará a viabilizar outras inovações a amplitude das interfaces do Instituto com tantas áreas da USP, com especialistas externos à Universidade do estamento governamental, do meio empresarial e da sociedade civil organizada, assim como com os pares no Brasil e no exterior. Entre estes merecem destaque os integrantes da rede global de 50 Institutos de Estudos Avançados nos cinco continentes (a rede UBIAS), que é neste momento coordenada pelo IEA.

Essas múltiplas interfaces contribuem para que as fronteiras da USP sejam cada vez mais porosas.

A gestão que hoje toma posse recebeu um precioso dote, que é fundamental para enfrentar os dois desafios descritos. E ousar encarar alguns outros, não menos complicados, como lidar com a praga dos enxames de informações ultraprocessadas, que amiúde causam infoxicação.

Devemos esse dote aos dirigentes anteriores do IEA, em particular ao querido professor Paulo Saldiva, que nos antecedeu e de quem muito aprendi ao ser vice-diretor. É uma dádiva receber dele um corpo de pesquisadores/as de alto nível e vibrante, dispor de uma equipe de apoio comprometida e de ótimo astral, estar sob a orientação segura do Conselho Deliberativo, confiar no apoio da Alta Administração da Universidade e contar com parceiros sólidos, em particular para as cátedras.

Neste momento são cinco: Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, com a parceria do Itaú Cultural e o reforço da Fundação Tide Setubal nas atividades voltadas à periferia dos *campi* da USP na Capital; Cátedra de Educação Básica, com a parceria do Itaú Social; Cátedra Unesco de Sustentabilidade Oceânica; Cátedra Sergio Henrique Ferreira, voltada a políticas públicas de cidades médias, com a parceria do Santander Universidades; e a caçula – Cátedra Oscar Sala, que focaliza a “Economia, Cultura e Poder das Redes”, numa parceria com o Comitê Gestor da Internet no Brasil e o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR.

Cabe observar que vários diretores anteriores continuaram a atuar no e para o Instituto mesmo após o término de sua gestão. Dentre os diretores mais recentes destaco, além do próprio professor Saldiva, o seu antecessor, professor Martin Grossmann, que recebeu do Paulo o título original de “ex-diretor em exercício”.

Dentre os diretores mais veteranos, desponta o muito querido professor Alfredo Bosi, que por numerosos anos, e até recentemente, editou a Revista Estudos Avançados. Merecidamente foi ele reconhecido com a atribuição do seu nome à sala multiuso em que se realiza esta posse.

Realço o valor da Revista, hoje editada pelo professor Sergio Adorno, também membro do nosso Conselho Deliberativo. Iniciada em 1987, um ano após a criação do Instituto, é publicada quadrimestralmente. Cada edição contém cerca de 400 páginas de textos acadêmicos de alta qualidade, mas numa linguagem acessível também a quem está fora daquela comunidade epistêmica específica. O interesse que desperta pode ser medido pelos cinco a seis milhões de acessos/*downloads* por ano. A especial edição #100 será publicada no mês que vem.

Aproveito para render preito à memória do nosso ex-diretor, professor João Steiner, que partiu abruptamente em setembro passado. Notável cientista e excelente gestor, ele foi o responsável pela transformação digital do IEA, mais de década e meia antes dessa estratégia se tornar mandatória pela pandemia.

Adapto uma parábola da tradição em que fui criado. Pessoas sabidas são como notas musicais esparsas. Quando se juntam, são capazes de, pela combinação das notas, produzir frases musicais. O desafio é combinar essas frases e gerar música de qualidade. Roseli e eu nos dedicaremos a instigar as vibrantes notas musicais do IEA para que produzam melodias harmoniosas, e a articular essas melodias para gerar músicas inspiradoras, que avancem as fronteiras do conhecimento e contribuam para as transformações que o recém-iniciado século 21 demanda.

Finalizo agradecendo a compreensão dos nossos familiares pela opção que Roseli e eu fizemos. Serão adicionadas muitas horas à dedicação que já tínhamos à USP como docentes e em outras funções. Teremos sim que dedicar muitas horas ao IEA. Mas quando estivermos com vocês, queridos familiares, compartilharemos com alegria a imensa riqueza de aprendizados e vivências que o IEA propicia.

Guilherme Ary Plonski